



ESTRESSE DE MINORIAS E QUALIDADE DE VIDA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Mila Alves Souza ¹

Giullia Vitória Forte²

Isabella Maria França Bottoli ³

Luma Santos Coelho⁴

Iorhana Almeida Fernandes ⁵

Rodrigo Perissinotto⁶

Resumo: A teoria do estresse de minoria (EM) formulada por Meyer em 2003, apud Paveltchuk e Borsa (2020), vem elucidar estressores específicos vivenciados por indivíduos LGBT além dos estressores cotidianos e comuns à população heterossexual e a relação destes com a satisfação na qualidade da saúde mental e bem-estar de universitários nesta posição de minoria. Neste sentido o presente trabalho teve como objetivo avaliar o estresse de minorias na qualidade de vida de estudantes LGBT do Centro Universitário de Mineiros. Participaram 296 estudantes universitários idade média de 24,20 anos (DP 7,59), sendo 63,6% do sexo feminino. A coleta de dados se deu por meio de questionário sociodemográficos e Escala de Estresse Percebido (ESP-10), disponibilizados em plataforma online. Os resultados mostram que o grupo LGBTQIA+ apresentou média de estresse significativamente maior (U de Mann-Whitney = 3257,500; p = 0,002) que o grupo heterossexual. O que indica a presença de Estresse de Minorias dentro do âmbito universitário e aponta para a necessidade de políticas afirmativas neste âmbito.

Palavras-chave: Estresse de minoria. Qualidade de vida. Bem-estar social. LGBT.

INTRODUÇÃO

¹ Centro Universitário de Mineiros e milaalvessouza@hotmail.com.

² Centro Universitário de Mineiros e giulliaforte@academico.unifimes.edu.br.

³ Centro Universitário de Mineiros e isabellabottoli@gmail.com.

⁴ Centro Universitário de Mineiros e luma.coelho@hotmail.com.

⁵ Pontifícia Universidade Católica de Goiás e iorhanafernandes@hotmail.com.

⁶ Centro Universitário de Mineiros / Pontifícia Universidade Católica de Goiás e perissinotto@unifimes.edu.br.



A condição de minoria associada à comunidade não heterossexual ainda traz prejuízos sociais e psicológicos para este público alvo, tendo em vista que a heterossexualidade ainda é tida como uma norma e padrão entre a sociedade, fortalecendo ainda a posição de vulnerabilidade social deste grupo minoritário. Ainda que a despatologização da homossexualidade tenha sido um fator muito positivo para a diminuição dos estressores específicos, ainda prevalece altos índices de homofobia internalizada e ocultação da sexualidade por grande parte daqueles que fazem parte desta orientação sexual não-heteronormativa devido ao grande medo de rejeição social, seja por parte familiar, pelo grupo de amigos próximos, no âmbito escolar e universitário e nos empecilhos posteriormente enfrentados para admissão e permanência em um local de trabalho (PAVELTCHUK; BORSA, 2020).

Neste sentido, Meyer apud Paveltchuk e Borsa (2020) desenvolveu a teoria do Estresse de Minorias (EM), o principal objetivo era sistematizar as condições específicas vividas por pessoas LGB e explicar como tais condições específicas impactariam em desfechos positivos e negativos na saúde mental deste grupo (PAVELTCHUK; BORSA, 2020). Foram propostos e listados três estressores principais para conceituar a Teoria do EM: 1) experiências de vitimização caracterizada pelo preconceito, violência, rejeição e agressão relacionada à orientação sexual; 2) homofobia internalizada, relacionada a ideias aversivas de uma pessoa LGB acerca da sua própria sexualidade; 3) ocultação da orientação sexual, quando esconde sua identidade LGB de si e/ou de outros (MEYER, 2003, apud PAVELTCHUK; BORSA, 2020). Todos estes estressores tentarão explicar sobre a forma como toda estigmatização e repressão podem colaborar para desfechos negativos na saúde mental desta minoria. A teoria do EM é interseccional, portanto defende que o estresse de minoria pode ser cumulativo quando somados à status de outras circunstâncias minoritárias (etnia, classe social, orientação sexual), acarretando assim mais prejuízos na saúde mental destes. Vale ressaltar que esta teoria inicialmente foi desenvolvida especificamente para pessoas gays, lésbicas e bissexuais, surgindo uma adaptação posteriormente incluindo enfim os transexuais e travestis e os LGB inclusos também em alguma minoria étnica (PAVELTCHUK; BORSA, 2020).

Além dos principais estressores específicos de cada minoria, o ambiente universitário também trará uma carga própria de estresse tanto para estudantes heterossexuais quanto para homossexuais, porém sendo apresentado significativamente maior o índice de estresse



emocional e prejuízos psicológicos, bem como desenvolvimentos de psicopatologias tais como ansiedade (seja ela generalizada ou social), depressão e ideação suicida entre as minorias estudadas.

Diante do exposto este trabalho tem como objetivo avaliar o estresse de minorias na qualidade de vida de estudantes LGBT do Centro Universitário de Mineiros.

METODOLOGIA

Participaram dessa pesquisa 296 estudantes universitários com idade média de 24,20 anos (DP 7,59), sendo que 63,6% foram designados como pertencentes ao sexo feminino ao nascerem. Entre os que responderam o questionário, obteve-se as seguintes porcentagens em relação à orientação sexual: se considera pertencente ao grupo LGBTQIA+ (N=47; 15,9%); se considera heterossexual (N=245; 82,9%); não responderam esta questão (N=4; 1,4%). Para coleta de dados utilizou-se questionário sociodemográfico para caracterização da amostra e a Escala de Estresse Percebido (ESP-10) para avaliar o quanto a amostra tem se percebido com reações, sentimentos e comportamentos que estão associados a vivências de estresse. O questionário foi aplicado via aplicativo FORMS, enviando o link para grupos de alunos que tinham acesso ao TCLE antes de responderem aos instrumentos. Utilizou-se de estatística descritiva para análise dos dados sociodemográficos. Por fim realizou-se a comparação da média de estresse percebido entre o grupo heterossexual e LGBTQIA+ por meio do teste de Mann-Whitney. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Rio Verde e todos os cuidados éticos para pesquisa com humanos foram seguidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estresse percebido no grupo de universitários foi avaliado pela Escala de Percepção de Estresse-10 (EPS-10) e observou-se que a média obtida pelo grupo LGBTQIA+ (M=25,12), em relação ao grupo heterossexual (21,84) foi significativamente maior (U de Mann-Whitney = 3257,500; p = 0,002). O que indica que é evidenciado um real e significativo Estresse de Minorias dentro do âmbito universitário devido aos fatores estressantes específicos enfrentados pela comunidade LGBT. Fatores estes que foram listados por Meyer (2003, apud PAVELTCHUK; BORSA, 2020) a fim de constituir e explicar o mecanismo da Teoria do



estresse de minoria inicialmente focalizado apenas para a minoria LGB, englobando posteriormente os transgêneros e homossexuais não-brancos.

Outras pesquisas de campo realizadas entre universitários apontam também os níveis de estresse relacionados à própria inserção no ambiente universitário, que para esta minoria serão potencializados pelos estressores específicos cotidianos. Em uma pesquisa realizada em uma Universidade Pública do Nordeste do Brasil (SANTOS, et al. 2020) os dados também irão revelar que o estresse de minoria, distress e saúde mental prejudicada se encontram em índices mais elevados na população não-heterossexual (35%) entre acadêmicas do gênero feminino (55%). Relacionando ainda que esse estresse minoritário causará mais prejuízos de saúde mental para o grupo ao qual se reconhece como mulheres, ao passo que para universitários do gênero masculino apresentará maior taxa de preconceito com a diversidade sexual do próximo ou homofobia internalizada, acarretando assim a ocultação da sexualidade, para si e para outros (SANTOS, et al. 2020).

Pode-se então, correlacionar tais dados com os dados coletados e calculados em nossa pesquisa no ambiente universitário da UNIFIMES, apresentando uma maior correspondência de mulheres (64,8%) e uma minoria de universitários que se consideram LGBTQIA+ (15,9%) de 296 estudantes que responderam o questionário sobre fatores de estresse percebidos e qualidade de vida também no ambiente universitário. Foram englobados nesta classificação dos LGBTQIA+ todos aqueles que se enquadravam na orientação sexual como lésbica, gay, bissexuais, transexuais e aqueles também que optaram por não responder este campo ou não souberam se designar. Fato este que pode ser correlacionado com a existência da homofobia internalizada e a ocultação da sexualidade, podendo ser decorrente do medo da rejeição social ou demais ambientes e circunstâncias estressoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estas coletas de dados e pesquisas pôde-se realmente evidenciar como a teoria do estresse de minoria de Meyer (2003, apud PAVELTCHUK; BORSA, 2020) se manifesta e como ainda se faz muito presente no cotidiano de indivíduos LGBTQIA+ dentro do ambiente universitário de Mineiros – UNIFIMES e no cotidiano de universitários LGBTs de várias partes do mundo. Os fatores estressantes específicos para essa população irão intensificar os



níveis de estresses de cunho pessoal e social que podem ser enfrentados semelhantemente por demais indivíduos, heterossexuais ou até mesmo outras minorias, que sofrerão menos impactos psicológicos em relação à minoria LGBT devido à tais eventos estressores.

Por fim, estes achados podem contribuir para a sensibilização da instituição no sentido de implementar intervenções que visem o respeito à diversidade sexual e mitigação dos efeitos do estresse sentido pelo grupo.

REFERÊNCIAS

PAVELTCHUK, F. de O., BORSA, J. C. **A Teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais.** Revista da SPAGESP (Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo). 2020.

SANTOS, E. C., AZEVEDO, H. V. P., RAMOS, M. M. **Preconceito e Saúde Mental: Estresse de Minoria em Jovens Universitários.** Revista de Psicologia da IMED. 2020.